

Uma nota, uma flor, uma saude, em despedida a José Alberto Magno de Carvalho

Mary Garcia Castro¹

Eram anos do final da década de 1960, eu estava há pouco no IBGE, no departamento de Estudos e Mobilidade de População. Não conhecia pessoalmente o Professor José Alberto Magno de Carvalho, mas seu nome muito significava na instituição, na demografia. Eu chegava da sociologia, com cursos de demografia ao nível de extensão, ligeiros, era um tanto uma estranha no ninho.

Ousada, lhe enviei um artigo que pretendia publicar sobre fertilidade e transição demográfica. Que bronca mais elegante e divertida ele me enviou. Foram críticas em forma de uma aula pautada com ironias e gozações sobre minhas pretensões estatísticas, bem como em demografia e economia, mas me encorajando a refazer a peça. Refiz e ele voltou a comentar, agora com elogios e mais críticas à minha persistência nos escorregões. Era o professor.

Tal primeira impressão, do professor gentil, irônico, condescendente, mas firme e sério ao tratar os estudos, consolidou-se quando, de lenda, ele passou a ser um amigo, ainda que de encontros da ambiência demográfica. Fundador e primeiro presidente da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) desde a primeira reunião dessa, em 1977, tive o prazer de com ele muito conversar e não perdia quando o sabia nas mesas de apresentações, aulas e elegância no trato.

Como lembro o privilégio de compartilhar com ele reuniões sobre políticas de migrações internas e internacionais na esfera de governo e de organismos de planejamento. Era o colaborador a quem mais se consultava nesses espaços para leituras e modelações estatístico-econômicas mais refinadas e, lembro, muito crítico às mirabolantes projeções de organismos da ONU. Era o colega de quem muitas vezes discordava em posicionamentos políticos e sobre costumes. Sua mineirice, delicadeza no trato e forma professoral de argumentação encantavam. Não dava para brigar pelo jeito do Zé, mesmo em tempos de feminismo mais radical, o meu.

Fui testemunha, já em curso de pós-graduação em Gainesville (Florida), do êxito, também no exterior, de seu livro *A demografia das desigualdades no Brasil*, com Charles Wood, então meu orientador, outro grande mestre, em 1988.

Foram muitos os encontros rápidos, mais de ordem social, quando perambulamos ambos em cursos de extensão pelo Nordeste, ou por seminários, como um de demografia no México, creio que da IUSSP, que destaco, pois foi quando tive o prazer de conhecer sua esposa, Nazaré. Ríamos muito, instigados por seu senso de humor, e falávamos sobre valores, ética, família, em tom trivial simples, talvez, no meu caso, evitando o que nos afastaria quanto a posicionamentos políticos. Era, insisto, pelo prazer da companhia. O que hoje, em tempos de negacionismos, bem destaco, o saber dialogar com o diferente.

¹ Socióloga, professora visitante na UFRJ-IFICS/PPGSA; professora aposentada da UFBA, pesquisadora na Flacso-Brasil.

Como era gostoso estar com a pessoa humana, José Alberto Magno de Carvalho, seu olhar para o outro, no caso, a outra, seu cuidado para com os alunos e amigos, tornando complexo, compreensível, se de demografia econômica se tratava, mas sem simplificações.

Bom, desculpem, mais do que testemunho sobre o acadêmico e grande demógrafo, em tempos de homenagem ao Zé, não trago pomposa *corbeille*, nem tratado, que ele bem merece, mas só uma flor de saudade, da pessoa amiga, querida que ele foi. Sentimentos à Nazaré, aos filhos, aos amigos, aos alunos. Vai-se um grande mestre e, repito, uma pessoa singularmente humana.